

Odiocracia: o novo projeto hegemônico de poder na contemporaneidade

Renata Peixoto de Oliveira¹

O “Zeigest” de nosso tempo é sombrio e se move com amargor e desilusão. A democracia e o Estado de Direito estão corrompidos em sua base, e não se trata de mera crise institucional ou descrédito da classe política. O ideal democrático se perdeu em meio a uma sociedade que vaga desorientada por sua ignorância, intolerante soberba e vaidade. Ela se dilacera em meio ao individualismo exacerbado, que não é o fim último da política, mas seu fim sepulcral. O capitalismo venceu de fato, agora, e se anuncia o fim da História. Acontece que do pacote ocidental reina apenas o projeto econômico. Adeus mundo livre S.A!

Em se pensar que o projeto da modernidade ocidental se estruturou em torno do Estado e da construção do projeto liberal (política) para selar o destino de comunidades políticas e, assim, garantir as bases do modo de produção capitalista (economia). Hoje, os valores corrompidos e insanos deste modelo econômico, não apenas suplantaram muitos projetos e ideias por uma sociedade socialmente justa e até sem classes, como também corroe as bases pluralistas, libertárias e democráticas de seu próprio projeto político. Está dilacerada a Democracia Liberal, mas não se orgulhem os que condenaram este modelo, pois reina novamente o monstro Leviatã. Não comemoemos, nós! (Os representantes da esquerda, ao menos os que como eu se sente assim), pois nossas experiências reais não se deram sem a prática autoritária, ou sem esbarrar nas limitações do nosso próprio reformismo e conformismo. Atualmente, diante da insanidade da luta pela hegemonia política, já não importa o lado, o libertarianismo fracassou e morreram os ideais comunitários. Não pensemos em guinadas à Direita ou à esquerda, pensemos na escalada do terror, do culto ao indivíduo, da banalidade do Mal (Hanna Arendt), da ruptura do contrato social que nos

¹ Dra. em Ciência Política pela UFMG. Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Coordenadora do Grupo Democratización en América Latina em Perspectiva Comparada (DALC-ALACIP). renata.oliveira@unila.edu.br.

empurra ao Estado de Natureza Hobbesiano. Não esperemos em meio ao caos, o surgimento de um novo manual em que um pretense novo Maquiavel nos trace o perfil de um príncipe capaz de garantir a ordem e assim nos preparar para a utopia republicana. Ninguém sonha mais com a República! Nosso fazer político se estrutura como um jogo de soma zero no qual os pactos políticos não têm espaço. Nossa construção política se dá por meio de lutas genocidas pela hegemonia a todo custo, suplantando e aniquilando o diferente, o diverso e o antagonico.

Carl Schmitt, reina de fato o antagonismo amigo-inimigo! Esta é a nossa polis!

Esta também é nossa casa, é nossa fábrica, nossa universidade, nossa vizinhança! Impera a era dos “*haters*” os especialistas em qualquer assunto, principalmente em odiar. Não temos cidadãos, não temos consumidores, não temos trabalhadores, os atores sociais centrais de nossa individualidade contemporânea (difícil identificar sociedade contemporânea) são os que odeiam. Odeiam tudo, não toleram nada, não aceitam nada e nem precisam de argumentos, pois a contradição não é apenas aceita como se torna condição número um de sua falta de projeto político. Desculpe-me Bertholt Brecht, mas não são eles (as) os analfabetos políticos, são eles (as) os que se advogam *expertises* em tudo. O espírito de nosso tempo não é marcado pelos analfabetos políticos ou os que nada sabem e não querem saber, mas sim dos que de tudo entendem, e destilam sua intolerância. Joseph Schumpeter, esta é a mediocridade de nossa era!

A conquista Europeia há séculos distribuiu espelhos, os espelhos da dominação colonial, que hoje, cada salvador da Pátria apátrida e fétida usa para se ver como redentor e porta-voz de um mundo justo apenas para si mesmo.

Nenhuma revolução aconteceu, apenas a involução ao invólucro de pretensos projetos que visam o “bem comum”.

Impera como nunca antes o racismo, o machismo, o patriarcalismo, o corporativismo, o personalismo, o patrimonialismo, a xenofobia. E este não é

um projeto da Direita conservadora que avança para relançar a moda do neoliberalismo, como este também não é o projeto dos *Neocons*. Esta é também a prática cotidiana das forças hipócritas que se dizem progressistas e libertárias enquanto selecionam por que causas lutar e defender apenas os seus. Por que, Narciso acha feio o que não é espelho².

Este é o seu discurso, esta é a nossa conduta. Decretamos falência de nosso projeto societal!

Até este instante, na redação, não chegaram prenúncios de uma nova era!

Morre aqui a modernidade política!

² *Sampa*, composição de Caetano Veloso.